

**Sideração!**



**Emmanuel Tugny**

# **Sideração!**

**Tradução de  
Tânia do Valle Tschiedel**



*Editora Sulina*

© Éditions Léo Scheer, 2010

© Editora Meridional/Sulina, 2012

Título original: *Sidération!*

Capa: Alexandre de Freitas (sobre obra de Joseph Mallord William Turner – *Norham Castle, Sunrise*, ca.1845)

Projeto gráfico: Clo Sbardelotto/Fosforográfico

Editoração: Clo Sbardelotto

Revisão: Caren Capaverde

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

T915s Tugny, Emmanuel

Sideração! / Emmanuel Tugny; tradução de Tânia do Valle Tschiedel. –  
Porto Alegre: Sulina, 2012.

95 p.

Título original: *Sidération!*

ISBN: 978-85-205-0669-1

1. Literatura Francesa – Ensaaios. I. Título

CDU: 840-4

CDD: 840

843

---

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – Conj. 101

CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3311-4082 – Fax: (51) 3264-4194

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Outubro/2012

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

Para Jean-Claude Conesa.  
Para Antonio Paim e Terrence Malick.  
E para Mili...



“Logo no início, estonteado pela leveza insólita do ar e a vista grandiosa, fiquei como que estúpido. Eu me viro: as nuvens estavam aos meus pés! A julgar pelo panorama que um monte de reputação secundária me oferecia, eu começava a encontrar a semelhança ao que havia ouvido e lido de Athos e do Olimpo.”

Petrarca, *A ascensão do Monte Ventoux*

“A respiração estava como que parada por uma corrente de ar fresco e poderoso que varria o terraço, e se inclinava a duzentos pés abaixo do mar de árvores. As pregas descabeladas dos altos pavilhões de seda, dos quais se ouvia de repente o estalar bem próximo e semelhante àquele das velas, faziam correr por toda a parte sombras dançantes, e o olho era vigorosamente batido pela poeira de luz sobre as pedras brancas.”

Julien Gracq, *No Castelo de Argol*





# Índice

Prólogo .....	11
I-Vocação	
1. O lugar, o momento .....	17
2. O enlaçamento .....	22
3. O abrasamento .....	27
4. O Ser do mundo .....	31
5. Onoda / Jornada 1 .....	36
II-Suspensão	
1. Êxtase para .....	43
2. O plano do mundo .....	48
3. O Ser de .....	53
4. O Ser do mundo .....	58
5. Onoda / Jornada 2 .....	62
III-Assunção	
1. O lugar, o momento .....	69
2. A mêlée .....	74
3. O enterramento .....	79
4. O Ser do mundo .....	84
5. Onoda / Jornada 3 .....	89
Epílogo .....	93



## Prólogo

Estamos no meio dos anos 1980, me parece, e entramos na Itália, atravessando os Alpes, de carro.

Distingo bem nitidamente em minha lembrança o primeiro instante siderado.

A estrada se abre de repente para um lago, a turquesa deste olho sem íris é o mundo: ele me convoca, e eu o reconheço como meu.

O lago de barragem é meu astro, a princípio. Ele me mostrou, em pleno dia, algo em comum. Ele me mostrou a indistinção onde nós nos encontramos, ele que designa, eu, cuja consciência reconhece e deseja este gesto ou esta intenção.

Nós estamos no ponto onde eu ignoro se ele está, se eu estou, na origem desta paz estranha, ele, porque ali está, eu, porque o “quero mesmo”.

Na verdade, nós somos indistintos, nós somos o mesmo; e eu sou esta explosão de resina nesta paisagem avermelhada; e ele é a minha fala, que diz “eu sou o mesmo”; e ele é minha consciência, que o reconhece como tal.

Estamos sentados, Y., C., T. e eu, de volta do cinema da praça da grande praia de Ile-Tudy, fumando Gitanes. Devemos ter 15 anos e batemos papo, fumando entre nós, garotos, os Gitanes.

E, de repente, suas vozes transformam-se em um murmúrio tranquilo. Eu observo os faróis, o verde, mão esquerda, o vermelho, mão direita, e eis que eles chamam, eis que eles convocam e enchem de paz a consciência.

Quanto eles são o que nós somos e o assinalam, quanto eles são o que nós somos, fugitivos luminosos pontuando a matéria densamente, matéria da noite!

E eu não sei qual de nós dois, o farol ou eu, é a fala dirigida ao outro, pois somos ambos a fala, a pontuação luminosa, o tilintar dos cabos contra os mastros, o frescor pedregoso de uma matéria, um murmúrio.

Eu nomearia aqui sideração um “efeito de matéria”.

Que esta matéria seja siderável ou não, pouco importa, a gente a compreenderá, desde o momento em que a sideração é o acesso feliz à imanência do mundo como indestrutível. Mas, já que no mundo, quem é indistinto diante do siderado o é também ante o astro, eu estou sentado, dez anos mais tarde, ao lado de minha mulher, na praia de Phare-Amédée, no largo de Nouméa; ou bem nós escalamos sob a lua a trilha serpenteante que conduz a um rio amarelo ouro estilo Hienguène; ou bem eu volto pra casa, passando pela Rance e por suas ejaculações de estrelas.

E tudo isso convoca ao céu, tudo isso assinala, é assinalado, dobra-se sobre o mesmo o qual a gente senta, caminha ou mesmo rola.

E isso, o mundo que convoca de repente, aquele que de repente o convoca, aquele que se dobra sobre ele mesmo, conduz a um balanço feliz.

Eu nomearei aqui este balanço, “sideração”, lago de uma barragem alpina, faróis da Ile-Tudy, lua ou estrelas sobre a Rance, o Phare-Amédée, Hienguène, pouco importa.

Eu direi aqui, eu tentarei, quanto o mundo é mesmice, quanto a vida do homem é boa quando ela é a emanção de uma consciência serena de sua imanência.

Quanto a sideração é origem da Esperança.